

Espelho, espelho meu: uma leitura do feminino midiático através do corpo *drag**

Joseylson Fagner dos Santos[†]

Maria do Socorro Furtado Veloso[‡]

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Índice

1	Introdução	1
2	Por que estudar <i>drag queens</i> em Comunicação Social	2
3	O procedimento metodológico do estudo	3
4	Sobre o feminino midiático e o corpo <i>drag queen</i>	4
5	Conclusões	9
6	Referências Bibliográficas	10

Resumo

Mulheres lindas, magras e altas: elas estão sempre sorrindo ou posando de *sexy symbol*. É assim que a mídia representa o ideal

*Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

[†]Estudante de Graduação do 6º semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFRN-RN. E-mail: jofagner@gmail.com.

[‡]Orientadora do Trabalho. Profª Dra. do Departamento de Comunicação Social da UFRN-RN. E-mail: socorroveloso@uol.com.br.

de uma estética feminina. Ao reproduzir a imagem midiaticizada da mulher através de uma performance de gênero, as *drag queens* mediam uma relação discursiva acerca do assunto, passando a exercer o papel de mediadoras no questionamento dos valores que norteiam a formação de um padrão de imagem feminina intimamente vinculado à aparência física. Dessa forma, elas utilizam o corpo como suporte para essa discussão, fazendo isso através da formação de um corpo metafórico que, através da performance, é capaz de provocar no público uma reflexão subjetiva sobre o fenômeno evocado pelos meios de comunicação. Esse trabalho se propõe a realizar uma análise sobre a representação midiaticizada do feminino, relacionando-a com o fenômeno *drag*.

Palavras-Chave: feminino midiaticizado, *drag queens*, performance, gênero.

1 Introdução

O trabalho é uma releitura a partir de uma pesquisa realizada anteriormente, na monografia produzida para o curso de Comu-

nicação Social, com habilitação em Radialismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Intitulado *Dragstars: Gestos, Segredos e Cores de uma Experiência Queen*¹, o texto aborda a maneira como o corpo performático das *drag queens* de Natal (RN) é utilizado como suporte para a interpretação semiótica de questionamentos de ordem política e social. Partindo da idéia de que a mídia veicula diariamente mensagens destinadas à produção de sentido, busca-se verificar como esse processo acontece com relação à representação da figura da mulher e como eles são abstraídos pelos personagens *drag*.

A imagem do feminino representada pelos meios de comunicação apresenta uma linha evolutiva em termos estéticos, que variam através dos anos e nesse período tem sugerido padrões e modelos para o consumo da sociedade. O comportamento social recebe influências dessa mídia no que diz respeito à formatação de um corpo ideal, considerado símbolo de sucesso e poder entre as mulheres dessas gerações. A padronização desse modelo determina uma série de fatores – desde os de ordem psicológica até os de ordem social – que cria o pensamento responsável pela construção de um novo feminino, caracterizado por um corpo artificial, construído, surreal. Observa-se que esse modelo é consumido por esse público, como também por outros indivíduos que se utilizam desses signos para discutir tais estereótipos através de expressões artísticas e culturais.

¹ SANTOS, Joseylson Fagner; PONTES, Danielle Cristine Felipe & DANTAS, Milena Fernandes. *Dragstars: gestos, segredos e cores de uma experiência queen*. Natal, 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Essa representação midiática do “novo feminino” é reconhecida através de uma leitura semiótica da figura das *drag queens*. Originados do final da década de 80, esses personagens são ícones da comunidade LGBT² e hoje representam um dos maiores fenômenos de comportamento da sociedade contemporânea. As *drags*, através da performance de gênero, possibilitam a releitura desses padrões midiáticos da imagem feminina. Na reconfiguração do corpo elas reproduzem tais modelos e possibilitam uma nova visão acerca dos valores que são responsáveis pelo corpo estetizado nos meios de comunicação.

Esse trabalho analisa as relações estabelecidas entre a mídia e a construção de um novo feminino, utilizando-se da imagem das *drag queens* para verificar, através desse gênero, a predisposição a um processo de ressignificação do corpo provocado por esses personagens em seus atos performáticos. Dessa forma, são questionados os valores que orientam a superficialização do corpo ao nível da aparência e, no caso da figura feminina, refletir sobre a padronização dos modelos ideais apresentados pelas diversas mídias em diálogo com a sociedade.

² O acrônimo é utilizado para fazer referência ao grupo formado pelas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Inicialmente, o termo mais comum era GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). O crescimento do movimento contra a homofobia e da livre expressão sexual proporcionou a alteração da sigla para GLBS, com a inclusão da letra “B”, de bissexuais, incluindo mais tarde, também, a letra “T”, que representava os travestis, transexuais e transgêneros, passando a sigla para GLBTTs. A partir da sensibilização do movimento lésbico, a sigla alterou-se novamente, chegando a sigla, hoje, a apresentar a letra “L” na frente, transformando-se na sigla LGBT.

2 Por que estudar *drag queens* em Comunicação Social

O objetivo principal da pesquisa é relacionar a construção performática de indivíduos *drag queens* com a representação midiática do feminino. Tendo em vista que esses indivíduos sugerem novas leituras de valores de ordem social a partir de um corpo performático, a importância que se atribui a essa análise encontra-se nos questionamentos com relação a um *feedback* entre a imagem de um novo feminino sugerida pela mídia e como essa mensagem é recebida pela sociedade. As *drags*, por apresentarem status de personagens lúdicos e interativos, findam por validar uma leitura semiótica e crítica desses modelos pré-estabelecidos pelos meios de comunicação e, por conseguinte, discutir a formação de uma opinião pública a respeito desses modelos.

Os objetivos específicos da pesquisa compreendem uma reflexão sobre a forma como as mídias contribuem para a formação de estereótipos da figura da mulher e como esse universo feminino passa a ser retratado para outros indivíduos da esfera social. Nessa perspectiva, o que se pretende observar é como as *drags* abstraem essa mensagem e passam a reproduzir ou contrapor através da performance realizada.

Nessa discussão, outra explanação que se pode conseguir é com relação ao gênero *drag*, permitindo conhecer mais sobre a natureza desse fenômeno e, através de um diálogo com as ciências humanas, entender os significados do corpo performático desses transgêneros. O que se pode abstrair, a partir daí, diz respeito à forma como uma imagem veiculada na mídia e sugerida como mod-

elo ideal acaba influenciando comportamentos de mulheres, ao mesmo tempo em que outros indivíduos da sociedade mostram-se, também, receptores dessa mensagem.

3 O procedimento metodológico do estudo

A metodologia utilizada para a construção desse artigo compreende a revisão do texto monográfico, que utilizou a metodologia antropológica de estudo, compreendendo técnicas de observação participante em campo, além da aplicação de entrevistas e questionários – que resultaram posteriormente na construção de um vídeo documental – e da pesquisa bibliográfica com abrangência de obras acadêmicas das áreas de ciências sociais e de estudos da mídia.

Essa nova leitura da monografia inclui a pesquisa documental, dessa vez analisando o discurso das *drag queens* no vídeo documental realizado³, além de uma nova pesquisa bibliográfica. Desse modo a discussão torna-se complementada com o diálogo com outras obras, garantindo um alcance maior na reflexão sobre o pensamento de como essa mídia interage com a sociedade e influencia a formação de novas formas de expressão.

A opção por essa metodologia implica em ampliar o referencial teórico para a explanação do tema, estabelecendo uma comparação entre os modelos de imagem feminina encontrados na mídia e a manifestação,

³ *Dragstars*. Direção de Jo Fagner. Natal/ RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. son., color, aprox. 17'. Projeto Experimental (Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo).

por conta dos indivíduos *drag*, desses códigos que denunciam a formação de estereótipos da figura da mulher. Analisa-se, desse modo, os meios para compreensão, tanto do fenômeno correspondente a uma estigmatização do corpo, quanto as fronteiras estabelecidas entre o corpo superficial e o performático para questionar a fundamentação desses valores na sociedade.

4 Sobre o feminino midiático e o corpo *drag queen*

A beleza feminina é apresentada na mídia como um atributo essencial à vida de todas as mulheres. Isso é percebido nos veículos de comunicação que utilizam a imagem feminina para comercializar produtos, orientando a produção de sentido ao consumo de conceitos que, de certa forma reduzem a mulher a uma dimensão superficial, limitada pela exploração do corpo. Esse processo caracteriza-se pela apresentação da estética como elemento fundamental de sucesso através de uma construção corporal específica baseada em moldes que englobam, além da aparência, a postura que uma mulher deve seguir para alcançar tal sucesso.

Essas representações são sustentadas pela moda e encontram-se diariamente em anúncios de publicidade, programas de televisão, capas de revista, enfim, em uma variedade de meios de comunicação que utilizam a imagem como principal tática para a comercialização de produtos e, por conseguinte, o consumo de signos que referenciam conceitos a serem seguidos pelos receptores. De acordo

com Garrini (2008), “a estratégia discursiva entre corpo e moda consiste principalmente na publicidade – imagens, cores, títulos e textos - produzidos para seduzir o público com o produto apresentado (p. 252)”. O conjunto desses elementos apresenta a mulher como um objeto escultural, dando destaque a um corpo no qual prevalece a perfeição das medidas e das formas.

A explicação de Couto (2001) nos mostra como isso acontece:

A circulação das idéias, preceitos e produtos promovem um ideal de felicidade, glorificada na livre promoção do prazer, obsidiana na saúde e na juventude. Os conselhos dietéticos, estéticos e musculares na total manifestação narcísica desta era que preza pelos discursos, multiplica as imagens e as informações e promove a responsabilidade individual de gestão integral de si mesmo. O corpo, como espetáculo, se converte simultaneamente em causa e efeito de comunicação (p.37).

Através dessa explicitação pode-se compreender a forma como os modelos são (re)criados pela mídia e apresentados para a sociedade como um projeto de consumo. Enquanto moeda, o corpo transforma-se no principal instrumento das mídias para a difusão de produtos e serviços de beleza, sendo responsáveis pela obtenção de audiência e lucro para as grandes empresas. Nessa relação, o corpo é elevado a uma dimensão superficial, onde o conceito de um corpo saudável é resignificado a um corpo construído através de moderadores de apetite,

clínicas de estética e academias esportivas, além de uma variedade de serviços vendidos diariamente através das imagens veiculadas nos meios de comunicação.

O corpo sofre, nesse sentido, um processo de artificialização, deixando de ser um corpo natural e transformando-se, nas palavras de Camargo e Hoff (2002), em um “corpo-mídia: construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas (p. 27)”. A partir dessa perspectiva, compreende-se o corpo apenas como um signo, construído com o uso de softwares e que representa um ideal a ser buscado, mas com significação existente apenas em uma dimensão estética, sem preocupação em se referir à essência do indivíduo.

A interação entre essas mensagens e seus receptores resulta em uma recodificação do corpo na sociedade, como afirma Garrini (2008):

O corpo passou a ser um valor cultural que integra o indivíduo a um grupo e, ao mesmo tempo, o destaca dos demais. Ter um corpo “perfeito”, “bem delineado”, “em boa forma”, consagra o homem e representa a vitória sobre a natureza, o domínio além do seu corpo, o controle do seu próprio destino. A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso. As pessoas são culpadas pelo “fracasso” do próprio corpo. Nesta cultura, que classifica as pessoas a partir de uma forma física, a gordura passa a ser considerada uma doença, pois é preciso construir um corpo firme,

bem trabalhado, ultramedido (p. 251).

Como denomina a autora, o modelo de um corpo magro é sugerido pela moda, comercializado pelos meios de comunicação e aceito pela sociedade atual como um ideal de perfeição, como elemento chave para o sucesso em todos os âmbitos da sua vida. Trata-se da construção imagética de um modelo de mulher reduzida ao nível estético, em que a autora ainda afirma que “o corpo passa a ter um papel fundamental nos processos de aquisição de identidade e de socialização” (p.258).

Tendo em vista esse processo de mediação da imagem feminina nos meios de comunicação encontramos reproduções desse modelo na sociedade como uma forma de resposta aos códigos difundidos através dos veículos. Um exemplo que mostra como isso se manifesta encontramos nos personagens *drag queens*, considerados ícones de uma comunidade LGNT, e que através de um corpo performático são responsáveis por ressignificar essa padronização do modelo midiático de mulher. Na criação de um “feminino exagerado”, as *drags* associam a imagem construída e difundida pelos *mass media* a um corpo masculino justaposto a um conjunto de signos convencionados como pertencentes ao sexo feminino.

As *drag queens* são indivíduos do sexo masculino que, através de um ato performático realizam a transformação efêmera do corpo passando a representar papel social de gênero como indivíduos do sexo feminino. A *female impersonation*⁴ realizada por esses personagens configura o corpo a uma

⁴ *Female impersonation* é um termo que se refere à transformação de gênero no sentido masculino para

natureza subjetiva, permitindo aos espectadores da sua performance uma releitura sobre diversos valores que compõem os códigos que formam o seu corpo. O corpo da *drag queen* passa, então, a simbolizar um corpo semiótico, uma espécie de documento social que, em atos performáticos tende a mediar as mensagens reproduzidas por esse corpo e os indivíduos que o assistem.

O processo de transformação do corpo *drag* acontece através da “montaria”⁵, que é caracterizado por uma alteração artificial e efêmera do corpo. Ao utilizar de postura e indumentária postizas, a *drag queen* abstrai da sociedade os símbolos que se encontram presentes em diversos aspectos da vida social. E como as *drags* representam a transformação de uma performance de gênero no sentido do masculino para o feminino, elas findam por realizar uma releitura sobre como a imagem da mulher é representada na sociedade, principalmente através da moda e dos meios de comunicação. Barbosa (2005), nesse sentido, afirma que:

Vestir-se é uma atitude de construção cultural. Muito mais que uma idéia de proteção do corpo, a utilização da roupa é um construto de identidade de indivíduos, de formação de grupos sociais, de adequação ambiental. Vestir-se (...) é uma atitude espetacular, um com-

feminino intrinsecamente relacionada à vestimenta e a teatralização, atuando artisticamente como uma mulher, cuja base é a própria transformação demonstrada pelo *performer*.

⁵ A montaria é um termo usado constantemente no vocabulário dos *drag queens* e significa o ato de montar o personagem, criando todos os aspectos que irão compô-la, incluindo o seu codinome, indumentária, maquiagem, comportamento, etc.

portamento organizado na direção da significação, é um gesto de comunicação (p. 123).

Nesse sentido, o que Barbosa explicita é a maneira como acontece a representação do feminino na transformação de gênero do corpo *drag*, indicando a indumentária como um fator cultural, sendo esta a principal característica do transgênero *drag queen* no ato de performance.

Enquanto personagens, as *drags* representam o papel de agentes de ressignificação do corpo. Primeiro porque simbolizam a presença, em um mesmo corpo, de três dimensões contingentes da corporeidade significante: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero (Cf. BUTLER, 2003, p. 196). Ao justapor signos femininos a um corpo masculino, a estética da *drag* passa a ser referenciada pelo corpo híbrido. De acordo com Silva (2000), através da personificação da *drag queen* acontece a “possibilidade de ‘cruzar fronteiras’ e de ‘estar na fronteira’, de ter uma identidade ambígua, indefinida (...) uma demonstração do caráter ‘artificialmente’ imposto das identidades fixas (p. 86)”.

O corpo híbrido funciona como uma estratégia discursiva de questionamentos de ordem política e social, no qual são abordados os valores que orientam a distinção, da sociedade, entre masculino e feminino através do sexo anatômico. Essa produção de sentido exerce significado a partir do momento e, que passa a ter status de corpo metafórico em contato com a sociedade. Segundo Maffesoli (1999):

O corpo engendra comunicação, porque está presente, ocupa espaço, é visto, favorece o tátil. A

corporeidade é o ambiente geral no qual os corpos se situam em relação aos outros; sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições, grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos. (p. 133).

A afirmação de Maffesoli nos permite compreender como acontece o processo de ressignificação desse corpo performático na sociedade. Ainda nas palavras do autor, “todas as modulações do corpo em espetáculo *simbolizam* o corpo social (p. 172)”. Sendo assim, o que acontece na *female impersonation* das *drags* é uma construção cultural de uma “montaria” adaptando os valores presentes na sociedade a um corpo natural, transformando-o em corpo metafórico para um ato discursivo responsável pelo questionamento político e social de normas e modelos presentes no tecido social.

Na classificação de Vencato (2002), as *drags* apresentam-se classificadas em categorias de acordo com a sua aparência. Assim, as *top drags* são representadas por aqueles personagens que apresentam uma postura feminina, com uma figura intimamente ligada à moda e a uma reprodução fiel da figura sensual da mulher. As *caricatas*, ao contrário das *top drags*, apresentam uma aparência alegórica, desarticulada dos padrões sugeridos pela moda e da mídia. Vencato ainda fala das *ciber-drags*, que possuem uma aparência aproximada das *top drags*, porém com um estilo mais “futurista” e uma estética marcada pela surrealidade, com um figurino marcado por cores e efeitos fluorescentes.

A categorização de Vencato sobre o gênero *drag* demonstram, em essência, a relação entre a imagem midiaticizada do femi-

nino e a representada por esses personagens em performance. Há, portanto, uma reprodução ou uma desarticulação dessa imagem mediada pelos meios de comunicação com relação à figura da mulher, ao mesmo tempo em que esses indivíduos abstraem tais mensagens no processo de “montaria”. A partir desse momento, estamos diante de uma identificação das *drags* com alguns dos modelos representados nos *mass media*.

A estetização das *drag queens* denuncia um feminino exagerado. Trata-se de corpos surreais, como uma espécie de exacerbação dos modelos propostos pelo meio midiático. A moda e os meios de comunicação de massa imprimem na sociedade o ideal da mulher magra, de cintura fina, com rosto milimetricamente contornado em formas. O momento de transformar essa imagem em um corpo *drag* consiste em uma metamorfose descomedida, onde os detalhes passam por um cuidado em aparentarem exagerados, desnaturalizando qualquer relação que possa identificar aquele corpo como feminino. O corpo *drag* não é masculino nem feminino, mas híbrido. Por isso surge essa necessidade de explicitar aqui que o seu corpo, na “montaria” é estetizado de forma exacerbada, sem qualquer compromisso em aparentar ser um corpo feminino. Quando se está diante de um corpo *drag* não é a mesma situação quando se está diante de um travesti ou de um transexual, que apresentam caracterização que a configurem como figuras femininas. A *drag* é um corpo efêmero e metafórico, onde se inscrevem construções culturais responsáveis pelo questionamento de diversos valores pertencentes à ordem política e social.

Segundo Vencato, ser *top drag* implica na reprodução de uma figura a mais aproximada possível da imagem da mulher. A classifi-

cação deste sub-gênero *drag* prioriza a imagem sensualizada e “fashion” do universo feminino, compreendendo os signos que vão desde a aparência marcada pelo desenho do rosto até a postura e o gestual desse personagem. Na performance das *top drags* o que se evidencia é justamente o modelo de imagem feminina apresentado pelos meios de comunicação de massa. Os performistas fazem alusão a um corpo magro, com formas contornadas e com indumentárias cheias de brilho e ousadia. As próteses de cabelos, seios e unhas referenciam uma sociedade na qual está se preocupado com uma estética bastante aproximada das modelos e personalidades famosas que estrelam nas capas de revistas e outdoors. A sandália geralmente possui um salto exagerado e providencia uma nova altura à *drag*, estabelecendo uma conexão com os corpos das *top models* internacionais, cujo valor está principalmente na altura dessas modelos. O ideal de corpo feminino representado pelas *top drags* é um corpo construído com o auxílio de ferramentas de software e não equivalem ao que se encontra na realidade daquelas modelos.

Baudrillard (2005) afirma que

A beleza tornou-se para a mulher imperativo absoluto e religioso. Ser bela deixou de ser efeito da natureza e suplemento das qualidades morais. Constitui a qualidade fundamental e imperativa de todas as que cuidam do rosto e da linha como sua alma. (...) A verdade é que a beleza constitui um imperativo tão absoluto pelo simples fato de ser uma forma do capital... A beleza reduz-se, então, a simples material de signos que se intercam-

biam. Funciona como valor/signo (p. 140).

O imperativo da beleza é presente tanto na constituição do espaço cultural da mulher moderna quanto no espaço social da *top drag*. Enquanto a mídia veicula a imagem de um corpo perfeito como fator de integração social, a *drag* ironiza essa representação imagética através da “montaria”. É esse aspecto que a torna uma *top drag*: a reprodução de uma figura de traços delineados com suavidade ao mesmo tempo em que seu figurino opera no campo da sensualidade. A imagem midiática encontra-se de forma definitiva no corpo performático das *top drags*, que ao serem subjetivados permitem a discussão sob diversas esferas sobre a padronização de um modelo feminino como símbolo de sucesso.

As *tops* apresentam, então, essa característica estética e funcional com relação ao arquétipo da mulher. Por outro lado, as *drags caricatas* agem de outra forma nesse processo de simbolização pela performance. Ser *caricata* é desarticular os signos estabelecidos na definição de uma imagem padrão da fêmea perfeita. O visual dessas *drag queens* é composto por códigos de uma “montaria” exagerada. Os performistas que pertencem a essa classificação possuem uma proposta que contrapõe as representações oferecidas pelos meios de comunicação. Ao invés de reproduzir o ideal do corpo milimetricamente construído e dos rostos e formas contornadas, as caricatas traduzem o seu corpo ao nível da indisciplina, do descuido, apresentando uma aparência que referencia o grotesco. As próteses dos seios são geralmente desproporcionais ao seu corpo, as perucas apresentam cor e forma definitivamente distante dos ca-

belos das modelos de revistas e outdoors, a maquiagem apresenta a proposta de um rosto marcado por borrões e traços descuidados, desvinculando a beleza como elemento da essência do seu personagem.

O imperativo funcional das *caricatas*, então, encontra-se na desvinculação estética dos padrões estabelecidos no discurso da moda e dos meios de comunicação. O discurso do seu corpo performático explicita, em um tom de humor, a contraposição a qualquer modelo estético estabelecido que funcione como fator de sucesso ou de integração social. Encontra-se nesse ponto uma espécie de refutação à representação midiática do feminino que, ao ser transformada em um corpo performático garante inteligibilidade ao discurso das *caricatas*.

Dessa forma, o corpo *drag* apresenta-se como construções culturais responsáveis por uma mediação no discurso com relação aos modelos representados pelos *mass media*. De acordo com Silva (2003), “a comunicação com os outros, fundamento da existência, estabelece vínculos sociais: pressupõe não só a partilha de um significado preciso, mas também de estados de sentimento que servem para criar atitudes comuns e solidariedade social (p.126)”. Enquanto corpos performáticos, as *drags* tendem a reproduzir ou refutar o discurso dos meios de comunicação. Nessas relações de interação entre os elementos midiáticos, sociais e culturais, o corpo *drag* é validado como um documento que questiona, a partir da performance, a conjuntura da invenção do feminino proposto pela mídia, que é reforçada diariamente através da indústria do entretenimento e da publicidade.

Garcia (2005) afirma: “não nos cabe julgar os artifícios de (trans/de)formação do

corpo, apenas reconsiderá-los como prática discursiva na ordem da espetacularização corpórea (p. 14)”. Nesse ponto, encontramos o personagem transgênero *drag* como um agente nessa espetacularização proposta por Garcia, analisando que à medida que um corpo metafórico entra em performance, ele passa a funcionar como um documento a ser lido pelos espectadores. Com relação ao discurso, ele utiliza-se das interpretações imagéticas da mulher para questionar a superficialidade das relações atuais estipuladas em torno da estética.

5 Conclusões

A mídia – representada aqui pela publicidade e pela indústria do entretenimento – trata a imagem da mulher através de um ideal de perfeição, apresentando figuras de um corpo construído artificialmente. Dessa forma, o que se percebe é a convenção sógnica de uma imagem como padrão em termos de integração social e sucesso em todos os aspectos da vida pessoal do espectador. Surge, então, uma preocupação com a forma como os meios de comunicação trabalham a essência do indivíduo, restringindo a sua significação apenas à dimensão estética.

Essas imagens midiáticas do feminino são representadas de forma irônica em charges, caricaturas e outras formas de expressão cultural e artística, alertando para a formação de estereótipos provindos dessa relação entre mídia e a figura da mulher. Uma dessas formas de expressão encontramos nos personagens *drag queens*, que utilizam do discurso de um feminino exagerado para questionar as formas como são reproduzidos

ou refutados esses modelos propostos pelos *mass media*.

As *top drags* representam o feminino sensualizado e fashion, construído com base na aparência das modelos internacionais, tendo como princípios estéticos a magreza e as formas contornadas no corpo e na face, além da altura, todos conseguidos através do uso de próteses. Essas *drags* referenciam a dimensão superficial do corpo feminino exposta pelos veículos de comunicação de massa, onde a aparência física de um corpo milimetricamente construído a partir do uso de softwares substitui o corpo saudável. Nessa relação, o corpo tido como perfeito pela mídia exerce o papel de fator de integração social, além de ser padronizado como um modelo de sucesso.

As *drags caricatas* apresentam um visual que desarticula esses elementos conjunturais da representação midiática do feminino. Ao utilizarem de uma aparência física baseada na parábola do grotesco, elas refutam a idéia de um feminino padronizado como caminho para se conseguir o sucesso e se integrar à sociedade. No corpo das *caricatas* as relações estabelecidas são de contraposição às representações midiáticas, utilizando-se da hipérbole para referenciar o universo superficial da aparência física.

O corpo das *drags* representa um possibilidade de questionamento dos valores que norteiam a idealização de uma estética feminina como padrões de sucesso na vida social. A corporeidade *drag queen* funciona assim como um documento inteligível sobre as relações estabelecidas entre os meios de comunicação de massa e o cotidiano das pessoas que consomem diariamente as mensagens advindas da publicidade e da indústria do entretenimento.

De certa forma, a principal proposta deste artigo é descrever como a questão da superficialização da imagem feminina apresentada pelos meios de comunicação de massa é recebida por outros indivíduos, passando a representar novos significados na discussão desses modelos. Enfim, esse texto não se propõe a esgotar a discussão do assunto, mas abrir caminhos para uma nova perspectiva na abordagem desse tema. A partir deste compreende-se a complexidade que essa abordagem demonstra em vários outros aspectos da vida social.

6 Referências Bibliográficas

- BARBOSA, M. M. (2005), *Todo coco um dia vira kenga: Etnocologia, performance e transformismo no carnaval potiguar*. Dissertação (Mestrado), Salvador – Universidade Federal da Bahia.
- BAUDRILLARD, J. (2005), *A sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.
- BUTLER, J. (2003), *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- CAMARGO, F. C. & HOFF, T. M. C. (2002), *Erotismo e mídia*. São Paulo: Expressão e Arte.
- COUTO, E. S. et al. (2001), “Gilles Lipovetsky: Estética corporal e protecionismo técnico higienista e desportista”. In: GRANDO, J. C. . *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Ed. Edifurb.

GARCIA, W. (2005). “Corpo, Mídia e Representação”. *Estudos Contemporâneos*. São Paulo: Thomson.

GARRINI, S. P. F. (2008). “Do corpo desmedido ao corpo ultramedido. Reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa”. In: MACHADO, M. B., QUEIROZ, A. e ARAÚJO, D. C. de (org.). *Histórias, Memórias e Reflexões sobre a Propaganda no Brasil*. Novo Hamburgo: Feevale, p. 247-259.

MAFFESOLI, M. (1999), *No fundo das aparências*. Trad. Bertha Halpern Gurovitz. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

SILVA, J. C. da (2003), “O corpo se entretece ao olhar”. In: GALENO, A., CASTO, G. de e SILVA, J. C. da (org.). *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação*. São Paulo: Cortez.

SILVA, T. T. da. (2000), *Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

VENCATO, A. P. (2002), *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.